

126179

POESIA E VERDADE CRISTÃ

Pe. M. Lacerda (*)

Eu creio que, como chave a abrir para o externar dos meus sentimentos, vêm de molde as velhas palavras do nosso Montalverne: "É tarde, é muito tarde... Seria impossível reconhecer um carro de triunfo...".

Todas as produções contidas neste meu *Rebanho de Estrelas* foram feitas no decorrer dos anos desta minha longa enfermidade, a qual, como é perfeitamente concebível, tem enfraquecido bastante a minha capacidade mental. Sem a pujança da força da mente, como teria eu podido produzir obra de arte perfeita, capaz de satisfazer ao mundo culto e às exigências da arte de perfeito acabamento? Como teria eu podido reproduzir a inexprimível poesia desse incomparável poeta açoriano João Cabral do Nascimento? Como teria eu podido mergulhar, fundo, nos arcanos da poesia de "dicção nova", cuja magia está ao alcance apenas dos grandes dotados? E assim sendo, como poderia eu agora ser cingido de louros e ter direito de celebrar algum triunfo? É tarde, é muito tarde para eu ter agora nas mãos uma colheita gloriosa, tanto mais que a poesia não é apenas esse algo precioso jorrando, espontâneo, como a água de uma fonte de montanha. Ela é isto, sim, conforme bem o sentimos e o disse assim o poeta inglês Wordsworth: "A poesia é emoção recolhida na tranqüilidade", mas ela é, ao mesmo tempo, um alto valor dependente, "do esforço de excitar a alma", segundo Novalis, de-

(*) Discurso do poeta Padre M. Lacerda proferido no Náutico Atlético Cearense, por ocasião do lançamento do seu livro **Meu Rebanho de Estrelas**.

pendente, afinal, desta situação penosa em que se achava o inesquecível Raul de Leoni na feitura dos seus versos, como assim se expressou ele próprio:

“Sim, mas para fazê-los fui ao fundo
Das coisas, nesta Via-Dolorosa
Do pensamento, que, no fim, é sempre triste.
Sofri muito entre os seres infelizes.
Tu não sabes de nada, tu não viste.”

Donde se deve concluir que, no meu caso, não se trata, a rigor, de um mérito da minha parte, mas de um mérito principalmente dos responsáveis pelo acontecimento da publicação do meu livro. Daí se dever reconhecer que este acontecimento é um testemunho: testemunho da compreensão, da disponibilidade, da solidariedade e da generosidade dos maravilhosos promotores do empreendimento, promotores estes que se distinguem como pessoas de alto talento, e, conforme diz o escritor russo Soljenítsin, “O talento sempre tem consciência da sua própria abundância e não se opõe a partilhá-la.” Disponibilidade e generosidade desse admirável casal amigo o Prof. Rubens de Azevedo e sua esposa Jandira Carvalho de Azevedo, os quais se desdoblaram em solicitude, em afã, em canseiras sem nome e em despesas notáveis, chegando mesmo a contribuir com a metade dos gastos só para a impressão, preparação e divulgação do livro; disponibilidade e generosidade do renomado poeta e escritor José Alcides Pinto, que se deixou entusiasmar pelo livro e deu força e estímulo com a sua apresentação desvanecedora e com essa sua presença; disponibilidade e generosidade do ilustre Secretário da Cultura, o Sr. Joaryvar Macedo, que se prontificou à tarefa da publicação do meu livro pela Imprensa Oficial com a dispensa de grande parte dos custos dessa publicação e facilitando que a impressão e a preparação se dessem em tempo recorde; disponibilidade e generosidade da parte do Náutico Atlético Cearense, o qual, sob a chancela do seu Diretor de Cultura e Arte, o escritor Carlos d’Alge, abriu suas portas para esta solenidade do lançamento e noite de autógrafos do meu livro; generosidade dos meus parentes que aqui estão, uns vindo até mesmo de longe, para prestigiar o meu modesto trabalho literário; finalmente, disponibilidade e generosidade de muitos amigos e de quantos aquiesceram ao nosso convite, felizes desse ensejo de, com as suas

presenças, realçarem esta festa magnífica de lançamento e de autógrafos. A todos eu quero agradecer, muito de coração, os seus gestos, que somente corações sensíveis como os seus são capazes de praticar. Tais gestos vão ficar gravados para sempre no meu reconhecimento, que, conforme já foi dito por alguém, “é a memória do coração”.

Mas, ao lembrar-me, a estas alturas, de umas quantas razões que, na minha opinião, têm algum peso, creio também que devo retratar-me pelo menos em parte e não ver apenas insuficiência no meu trabalho literário, tão valorizado por esse punhado de corações disponíveis, magnânimos e generosos, aos quais, afinal, pertence o meu *Rebanho de Estrelas* uma vez que, concordando com o autor americano do romance *Tender is the Night*, “acho que as coisas devem pertencer às pessoas que as apreciam”. “A poesia nasceu e cresceu comigo, fazendo do meu ser todo uma espécie de antena a captar e *abver* as aparências, os detalhes, a essência, o sentido do Universo e o próprio valor belíssimo da existência, e acho que só para ouvir o vento passar vale a pena ter nascido” — proclamo com esse inesquecível heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, bem como essa poesia fazendo-se dentro de mim a lente mágica através da qual, ao lado da fé — essa alta poesia divina —, eu, esse homem do caminho, de que nos falou o saudoso Tristão de Ataíde, via Aquele

“que pensa em mim mais que eu mesmo,
que quer de mim mais que eu mesmo,
que pode em mim mais que eu mesmo,”

tudo isso a fremir dentro do meu mundo interior, pronto a eclodir na qualidade de

“algo que sobe,
algo que grita,
algo que borbulha,
que pugna por vencer e respirar”,

como diria o poeta Diego Fuertes.

O poeta Guilherme de Almeida, num dos seus sonetos, fala nas gotas que uma nuvem nômade destila, uma dessas gotas roçando a crista da serra e brincando na relva e outras se entranhando serenamente no solo. Li muito a poesia es-

trangeira e sobretudo a nossa poesia brasileira daqui do Ceará e do Sul do país. Deste modo, o solo do meu ser — a minha fantasia, a minha imaginação, o meu coração, a minha inteligência —, à semelhança do solo dos versos de Guilherme de Almeida, esse solo do meu ser ficou embebido da água preciosa da poesia universal, podendo eu exclamar como Claudel: “Ouço as coisas existirem dentro de mim”, poesia essa redoirada da diviníssima poesia das páginas da Bíblia e da poesia do meu vivido Sacerdócio, aguardando o ensejo de jorrar trazendo a fisionomia do meu eu, e como “o sino só canta depois de passar pelo fogo”, esse ensejo chegou, precisamente na dor que me acompanha há anos, “dor que é essa letárgica ‘bebida’”.

Assim sendo, julgo que ainda tem cabimento o eu reconhecer que a valiosa semente de toda essa poesia semeada e nascida na terra da minha natureza não podia deixar de se desenvolver e crescer. E não podia deixar de dar frutos até mesmo apreciáveis. Além do mais, essas inteligências tão cultas e de renome não iriam comprometer o seu alto prestígio de abalizados nas letras e no saber, se testemunhassem um valor não existente na poesia do velho estreante.

Resta-me, pois, o direito de, neste momento festivo, considerar-me realizado e feliz, feliz dessa felicidade na vida que, “quando chega, vem pródiga”, como escreve o autor de *O Primeiro Círculo*, conseguindo eu, afinal, à semelhança da Vênus da antiga mitologia romana, emergir do quase nada para algum triunfo — triunfo este que vem enriquecer psicológica e espiritualmente a velhice enferma de quem, como o homem persa taciturno do conto de Jorge Luís Borges, sonha com estas provisões do seu *Rebanho de Estrelas* e nestas estrelas capta e assimila as doces esperanças, porque nelas percebe e sente o vivo palpitar de Deus, no mistério da sua aconchegante imância nas coisas.